



FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E DESAFIOS ACERCA DAS CONCEPÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NA EJA.

Tito Marcos Domingues dos Santos¹

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo traçar as possibilidades em que a EJA tem em inserir, em sua proposta curricular, o diálogo e as atividades relacionadas à homossexualidade e suas características, desde que se leve em conta a formação continuada de professores ao focar: respeito aos indivíduos em sua diversidade. Utiliza-se aqui, os estudos de Louro, relacionados às questões de gêneros na educação. Como resultado, conclui-se que a formação continuada para diversidade, poderá proporcionar subsídios teóricos capazes de levar o (a) professor (a), a deixar de ter uma ideia limitada acerca da diversidade sexual, pautada principalmente no binarismo homem-mulher, e, está mais seguro (a) e mais à vontade no desenvolvimento de conteúdos onde a diversidade sexual possa ser contemplada.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Homossexualidade. Formação continuada.

Introdução:


Muitos professores (as) podem não se sentir à vontade em tratar da temática da homossexualidade, ou mesmo interagir com os (as) alunos (as), diante de uma situação onde surjam comentários e atitudes hostis ligadas à homossexualidade. Até mesmo, podem se omitir diante da situação, por mudar o foco do assunto ou pedir para que não se mencione sobre essa questão na escola.

Talvez, para muitos (as) professores (as) e para a escola, seja mais confortável fingir que não está vendo. E, ao serem perguntados (as) por pais ou outras pessoas de fora da escola, seja mais fácil responder do seguinte modo: *"em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área", ou então, "nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos"*. (LOURO, 2003, p.80)

Culpar os (as) professores (as) e os demais profissionais da educação pela reprodução de comportamentos e atitudes hostis relacionadas à homossexualidade na escola, não seria, à priori, uma atitude adequada. É preciso pensar acerca do processo histórico que contribuiu

¹ Mestre em Educação pela universidade Federal Fluminense - Escola Municipal Mem de Sá E-mail: titodomingues1@hotmail.com





para que a escola que, omite e discrimina a homossexualidade, foi formada. Processo que desde o início, valorizou o binarismo homem- mulher, menino-menina e assim por diante. Instituição em que ainda se valoriza o hábito de menina ter que entrar na fila apenas com outras meninas, menino ter que formar, também, com outros meninos, bem como brincadeira própria e adequada para menina e menino. Pois, conforme Louro (2003, p. 81): *“Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve.”*

Ainda mais quando se leva em conta que professores (as) possam possuir suas próprias crenças, religiões, valores, forma de pensar e de estar no mundo. Não seria razoável achar que um (a) professor (a) nascido num lar tradicionalmente cristão e com sua concepção do cristianismo, centrada no binarismo heterossexual, tivesse que deixar em casa toda sua visão acerca da sexualidade, ao chegar no ambiente escolar. Deve-se levar em conta que:

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 2003, p.50).


E, essa concepção de hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã ainda é bem marcante entre os (as) professores (as).

Mesmo quando em sala de aula, ou no ambiente escolar, possam surgir situações em que as questões da homossexualidade venham à tona, muitos professores não se sentem à vontade em aprofundar o diálogo, devido à falta de informação e/ou do desconhecimento teórico produzido pela comunidade científica que possam subsidiá-los no diálogo acerca da diversidade de gênero, ou, até mesmo, por falta de interesse no tema.

Este trabalho tem por objetivo traçar as possibilidades em que a EJA, em sua proposta curricular, em constante construção, tem em incluir o diálogo e as atividades relacionadas à homossexualidade e suas características, desde que se leve em conta à formação continuada de professores ao focar: conhecimento teórico acerca das questões da homossexualidade para além do binarismo homem-mulher.

Mais do que um texto teórico com finalidades acadêmicas, este trabalho visa apelar, também, de forma política, para que a comunidade científica ligada à pesquisa na educação e aos estudos da diversidade de gênero, possa, ainda mais, reconhecer a importância da formação continuada de professores como uma ferramenta precisa para que mais e mais





docentes possam se sentir aptos, sensibilizados e formados para acolher a temática da homossexualidade, de forma que, no futuro, a ideologia de gênero possa ser discutida sem receio e sem culpa na escola por mais e mais professores. Em diálogo com Louro (2003, p.85):


Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2003, p.85).

A autora coloca que as identidades dos alunos estão sendo produzidas e marcadas através de relações de desigualdades e, se reconhecermos essa desigualdade voltada para a manutenção de uma sociedade dividida, poderemos nos contrapor à disseminação da desigualdade e do preconceito na escola. Mas, como poderão os (as) professores (as), não apenas reconhecer essa desigualdade, como também se sensibilizarem e se contraporem em contribuir com a disseminação do preconceito na escola pública?

Culpar os (as) professores (as) e os demais profissionais da educação pela reprodução de comportamentos e atitudes hostis relacionadas à homossexualidade na escola, não seria, à priori, uma atitude adequada. É preciso pensar acerca do processo histórico que contribuiu para que a escola que, omite e discrimina a homossexualidade, foi formada. Processo que desde o início, valorizou o binarismo homem- mulher, menino-menina e assim por diante. Instituição em que ainda se valoriza o hábito de menina ter que entrar na fila apenas com outras meninas, menino ter que formar, também, com outros meninos, bem como brincadeira própria e adequada para menina e menino. Pois, conforme Louro (2003, p. 81): *“Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve.”*

Ainda mais quando se leva em conta que professores (as) possam possuir suas próprias crenças, religiões, valores, forma de pensar e de estar no mundo. Não seria razoável achar que um (a) professor (a) nascido num lar tradicionalmente cristão e com sua concepção do





cristianismo, centrada no binarismo heterossexual, tivesse que deixar em casa toda sua visão acerca da sexualidade, ao chegar no ambiente escolar. Deve-se levar em conta que:

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 2003, p.50).

E, essa concepção de hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã ainda é bem marcante entre os (as) professores (as).

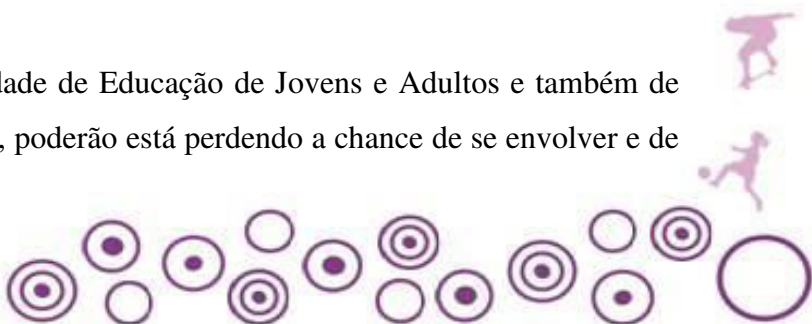
Mesmo quando em sala de aula, ou no ambiente escolar, possam surgir situações em que as questões da homossexualidade venham à tona, muitos professores não se sentem à vontade em aprofundar o diálogo, devido à falta de informação e/ou do desconhecimento teórico produzido pela comunidade científica que possam subsidiá-los no diálogo acerca da diversidade de gênero, ou, até mesmo, por falta de interesse no tema.


Este trabalho tem por objetivo traçar as possibilidades em que a EJA, em sua proposta curricular, em constante construção, tem em incluir o diálogo e as atividades relacionadas à homossexualidade e suas características, desde que se leve em conta a formação continuada de professores ao focar: conhecimento teórico acerca das questões da homossexualidade para além do binarismo homem-mulher.

O conhecimento teórico produzido pela comunidade científica poderá ser útil para que se desvele muitas concepções equivocadas acerca da homossexualidade. Esse conhecimento teórico, oriundo de pesquisas sérias e consistentes, ao chegar diante dos (das) educadores (as), possivelmente, ampliará suas concepções limitadas acerca do tema. Pois, conforme Louro (2003, p. 76):

Se pretendemos ultrapassar as questões e as caracterizações dicotomizadas, precisamos reconhecer que muitas das observações — do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas — se baseiam em concepções ou em teorias que supõem dois universos opostos: o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. Como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não se "enquadrem" dentro dessa lógica, ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios.

E, muitos professores da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e também de outras modalidades e/ou níveis de ensino, poderão está perdendo a chance de se envolver e de





implementar currículos que tratam da homossexualidade, simplesmente por não terem acesso ao conhecimento teórico referente à temática.

Se muitos professores tiverem acesso ao conhecimento teórico através da formação continuada e, oportunidade de dialogar e de interagir com os movimentos LGBT dentro e fora da escola, possivelmente, sua concepção equivocada acerca da homossexualidade possa ser modificada. Pois, Crochík (2015, p. 50), em seus estudos acerca do preconceito, revela que este é um fenômeno social e não biológico. Ele não nasce com o indivíduo. É fruto da experiência do indivíduo com a cultura em que está inserido. Mas, como o professor da Educação de Jovens e Adultos, poderá percebê-lo e estar apto ao seu combate?

Entender a manifestação do preconceito exige estudo teórico. Este estudo é indispensável a todos professores. Sem entender as suas causas, torna-se inviável combatê-lo. Pois:

O preconceito é um fenômeno social, que indica a restrição às experiências individuais, as quais são necessárias para a constituição desses indivíduos. Se o problema tem origem social, a educação escolar, que é uma instituição social, não pode por si mesma superar o que não produziu sozinha, mas pode contribuir com a formação de consciências que levem a pensar o que nos torna insensíveis. (CROCHÍK, 2015, p.50).


E, diante dos desafios impostos pela temática da homossexualidade na escola, urge, cada vez mais, a necessidade de que professores (as) da Educação de Jovens e Adultos tenham acesso à experiência teórica e à pesquisa que poderão se concretizar através da formação continuada, tanto oriunda da universidade, como, também, oriunda do diálogo entre escola e movimentos de LGBT.

A Educação de Jovens e Adultos por ser uma modalidade de ensino que possui um alunado, em sua maioria, já pertencendo a maior idade, poderá não sofrer tanta interferência desestimuladora de instituições como, família, Estado e igreja, ao se promover o diálogo aberto e direto em relação à homossexualidade. Talvez, o desafio maior esteja em sensibilizar os professores para que possam ter maior autonomia, coragem, interesse e preparo para abordar a temática.

Conclusão

Conclui-se que a formação continuada voltada para professores (as), que enfatize a temática da homossexualidade na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), possa ser uma grande possibilidade para que se desconstrua o tabu acerca da temática e também





estímule, encoraje, capacite e oportunize interações e diálogos entre educadores (as) e educandos (as) da modalidade.

Porém, a formação continuada de professores, tanto oriunda da universidade quanto dos movimentos sociais LGBT, poderá disseminar práticas pedagógicas, bem como, levar à produção de currículo favorável à implementação, definitiva, sem culpa, sem medo, sem tabu e não preconceituosa acerca do tema da homossexualidade na escola.

A Educação de Jovens e Adultos por ser uma modalidade de ensino que acolhe um alunado adulto e culturalmente diverso, possui uma vocação favorável para que experiências de interação e diálogo entre diferentes grupos – heterossexuais, bissexuais, homossexuais, transexuais e etc., - possam ocorrer na escola.

Para que os (as) professores (as) possam ser mediadores (as), interventores (as), partícipes e acolhedores de todo alunado em sua diversidade sexual, é necessário que estejam bem formados. Não apenas (in) formados pela mídia de massa, mas também capacitados em cursos de formação dentro e fora da escola, como também, em diálogo e interação com movimentos sociais que defendam à diversidade de gênero.

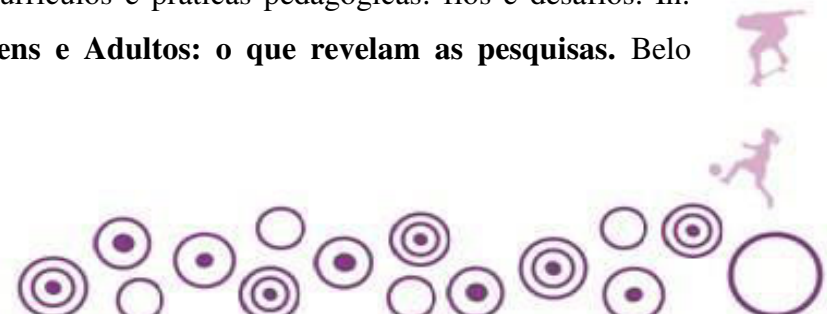
Para finalizar, é importante salientar que para que essa formação continuada seja oferecida aos (às) professores (as), será importante reconhecer que os muros da escola precisam ser ultrapassados e/ou rompidos, bem como, se negocie formas de penetração dos cursos de formação continuada também dentro da escola, seja por pesquisadores da área, seja por integrantes dos movimentos sociais, através do diálogo constante com a comunidade escolar, como também com a sociedade civil e política. Trata-se de um movimento de formação continuada, como também, de um movimento político a ser travado com muita cautela, coragem, luta e seriedade.

Referências:

CROCHÍK, J. L. Educação Inclusiva, subjetividade, preconceito e direitos humanos: qual sua relação? In: SILVA, A. M. M; COSTA, V. A. da. (orgs.) **Educação inclusiva e direitos humanos perspectivas contemporâneas. 1 edição.** São Paulo: Cortez, 2015.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação Uma perspectiva pós-estruturalista,** Petrópolis: Vozes, 2003

PEDROSO, A.P.F; MACEDO, J. G. Currículos e práticas pedagógicas: fios e desafios. In: SOARES, L. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

